

“Assentando o Axé desse Chão”: carnaval, identidade e sociabilidade numa escola de samba do sul do Brasil

Maria Caetana Ribeiro da Silva (UNIPAMPA)²

Camila Sissa Antunes (UNIPAMPA)³

Palavras-chave: carnaval; identidade; escola de samba.

O Carnaval de Uruguaiana (RS), reconhecido como o maior carnaval fora de época do sul do Brasil, constitui-se como uma manifestação cultural marcada pela ancestralidade, tradição, pluralidade e expressão corporal. Suas origens remontam às décadas de 1940 e 1950, quando a cidade celebrava o carnaval por meio de blocos e bailes populares que ocupavam clubes sociais. A transição para o formato fora de época ocorreu nos anos 2000 e, atualmente, o município conta com nove escolas de samba consolidadas que configuram como espaços de sociabilidade, convivência, produção artística e cultural. A partir desse contexto que se situa este trabalho, cujo objetivo central é analisar as interfaces entre a Escola de Samba S.E.R.E.S Unidos da Ilha do Marduque e o bairro Mascarenhas de Moraes, em Uruguaiana, buscando compreender a importância histórica e simbólica da relação entre a escola, seus integrantes e o território que habitam.

Atualmente desfilam na cidade oito escolas de samba consolidadas (seis no grupo especial e duas na modalidade de apresentação à comunidade), todas se configuram como espaços de sociabilidade, convivência e produção artística e cultural da cidade. Neste estudo, de caráter etnográfico, o recorte concentra-se na Escola de Samba Unidos Da Ilha do Marduque, que está situada em um bairro historicamente marcado por processos de marginalização social. Esta escola constitui-se como um espaço relevante de sociabilidade, integração e ressignificação da identidade da comunidade local. Assim, é um dos objetivos desta pesquisa compreender como a atuação contínua da Ilha do Marduque elevou o nome do bairro para além do cenário carnavalesco de Uruguaiana, consolidando-o como um ambiente reconhecido pela formação de artistas e pela constituição de uma das maiores e mais expressivas escolas de samba do município.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia no GT 046 - Coletivos Urbanos, Comunidades Tradicionais e Patrimônio: perspectivas antropológicas sobre meio ambiente, paisagens e pertencimentos ao território (2026).

² Discente do curso de Fisioterapia, bolsista de Iniciação Científica - Unipampa, Campus Uruguaiana (RS) e-mail: mariacaetana.aluno@unipampa.edu.br

³ Docente da Unipampa, Campus Uruguaiana (RS), e-mail: camilaantunes@unipampa.edu.br

Apesar da relevância cultural e econômica do carnaval de Uruguaiana, ainda são escassos os estudos acadêmicos que investigam o papel das escolas de samba na construção de identidades comunitárias e na produção de sociabilidade urbanas no contexto da fronteira sul do Brasil. A maior parte da literatura sobre carnaval concentra-se nas grandes capitais, especialmente Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador, deixando lacunas importantes sobre experiências carnavalescas em cidades médias. Nesse sentido, torna-se pertinente investigar como as escolas de samba locais atuam como espaços de produção cultural, memória coletiva e construção de pertencimentos territoriais.

A S.E.R.E.S Unidos da Ilha do Marduque foi fundada no dia 13 de janeiro de 1977, vencendo o carnaval de Uruguaiana por nove vezes (1992, 1993, 1994, 1998, 2008, 2009, 2014, 2018 e 2026). A sua bateria denomina-se “Caldeirão”, sendo a segunda escola de samba da cidade a apelidar sua bateria. Sua fundação está diretamente conectada ao bairro Mascarenhas de Moraes, que no início dos anos 70, com a nova estrada para a Ponte Internacional que prolongou a BR-290, isolou, por uma cerca, o bairro norte da cidade de Uruguaiana. Este contexto, gerou a denominação metafórica do bairro como: Ilha do Marduque, em alusão ao personagem de uma novela de rádio daquela época, conhecido como “O EGÍPCIO”, que a rádio Charrua apresentava com muito sucesso. Assim, foi neste contexto o início da Marduque, tendo o senhor Jesus Maciel, como o primeiro presidente da escola e Ivo Maciel como vice-presidente, formada por um grupo de amigos ligados ao futebol varzeano que queriam brincar o carnaval. A Escola é representada pelas cores azul, branco e vermelho e tem o “Faraó” como principal símbolo. Se tornou uma das maiores e mais consolidadas escolas do Carnaval de Uruguaiana. Situada em um bairro historicamente marcado por processos de marginalização social, o bairro Mascarenhas de Moraes, a Ilha do Marduque constitui-se como um espaço relevante de sociabilidade, integração e ressignificação identitária para a comunidade local. Um dos objetivos específicos desta pesquisa é compreender como a atuação contínua da escola elevou o reconhecimento do bairro para além do cenário carnavalesco de Uruguaiana, consolidando-o como um ambiente reconhecido pela formação de artistas e pela constituição de uma das mais expressivas escolas de samba do município. Busca-se ainda evidenciar em que medida o Carnaval de Uruguaiana ultrapassa a dimensão de um evento festivo, sendo compreendido como espaço permanente de produção cultural, pertencimento e construção identitária, configurando-se, assim, como um significativo patrimônio cultural local.

A pesquisa se inscreve na tradição dos estudos antropológicos brasileiros sobre o

carnaval, que o compreendem como fenômeno ritualístico, artístico e político, capaz de revelar, tensionar e reinventar as múltiplas dimensões da identidade (DA MATTA, 1997; CAVALCANTI, 1994). A noção de sociabilidade (SIMMEL, 1983) orienta a leitura das relações tecidas no interior da escola e entre esta e o bairro, enquanto os conceitos de territorialidade (HAESBAERT, 2004) e de corporalidade e performance informam a compreensão das práticas carnavalescas como formas de inscrição identitária no corpo e no espaço urbano (MAUSS, 2003; BUTLER, 2003).

Na perspectiva antropológica, podemos pensar o carnaval enquanto rito festivo, que reforça os laços comunitários, organiza o tempo, ressignifica tradições e pertencimentos, modelar corpos e identidades, projeta sentidos e significados ao existir (Cavalcanti, 1994, 2015; Cavalcanti; Gonçalves, 2021; Da Matta, 1997; Peirano, 2003; Turner, 2005, 2013). Cavalcanti é uma das principais referências no estudo das escolas de samba, analisando as alegorias como centros de relações sociais e significados culturais, seus escritos fornecem inspirações para pensar o carnaval em seus aspectos socioantropológicos, um olhar sobre quem “faz” o carnaval, como se organizam, quais redes de relações estabelecem, em quais disputas e arranjos políticos se engendram. Assim também, esta autora olha para o próprio desfile em sua potência criativa, de encontros e relações em várias dimensões culturais, como um espaço-tempo que dinamiza a própria cidade. Assim, Cavalcanti (1994, 2015) aborda a relação entre continuidade e mudança na vida social urbana, que nos inspira a pensar as especificidades do carnaval em Uruguaiana.

Na perspectiva de pensar o universo carnavalesco como um ciclo ritual, o carnaval se estende para além da temporalidade dos desfiles, sua permanência da vida cotidiana das comunidades se revela na importância das redes que se criam para a própria existência e manutenção da tradição e das escolas. Assim é que, finalizada uma etapa, se segue para a continuidade da história, onde se inaugura um novo ciclo com a escolha do enredo (o tema) do carnaval do ano seguinte, podemos entender esse como o ápice desse processo, pois marca o momento de união interna da escola diante da cidade e de suas concorrentes (Cavalcanti, 2021).

Do ponto de vista metodológico, este trabalho apresenta os resultados preliminares de uma pesquisa de caráter etnográfico, que combina observação participante, entrevistas semiestruturadas e análise documental. Partindo, portanto, da perspectiva antropológica para capturar no campo de pesquisa, elementos que permitam compreender os significados das práticas sociais e realidades materiais, mas também, acessar o campo do sensível, das

emoções e das percepções das pessoas que serão interlocutores da pesquisa. Assim, a coleta de dados se dará por meio da realização de observações sistemáticas ao território, com elaboração de diários de campo detalhados com a finalidade de registrar nuances das relações que a pesquisadora estabelecer em campo, bem como suas próprias percepções de todo o processo. Serão também realizadas entrevistas com roteiro semi-estruturado com pessoas relevantes da comunidade, a fim de registrar diferentes perspectivas. As entrevistas serão gravadas e analisadas na perspectiva de análise das narrativas, além disso, será realizada análise documental, com pesquisas hemerográficas e em documentos e registros históricos (análise de repertório musical e arquivo visual). Considera-se a abordagem etnográfica a mais adequada para compreender diferentes percepções e significados atribuídos ao território, às práticas e aos modos de fazer que tem relação com o carnaval. Além disso, será realizada revisão bibliográfica consistente que procure instrumentalizar a compreensão do contexto de pesquisa, teorias e conceitos que podem contribuir na interpretação dos dados coletados.

O trabalho de campo está sendo realizado junto à comunidade da Ilha do Marduque, com interlocutores de diferentes perfis como, fundadores, integrantes ativos, moradores e representantes da diretoria, organizados em cinco perfis de escuta. O roteiro de entrevistas abrange blocos temáticos que contemplam território, memória, identidade, corporalidade, sociabilidade e política cultural, conduzidos de forma flexível e sensível às narrativas dos sujeitos. O diário de campo é utilizado como instrumento privilegiado de registro das situações, afeto.

Os depoimentos colhidos em campo corroboram essa leitura. Leandra, integrante da escola há vários anos e hoje envolvida junto com toda a família, descreve o pertencimento à Ilha do Marduque como, “uma sensação de que tu faz parte de uma engrenagem [...], é tu saber que tu é importante e que as pessoas que estão ali contigo também são importantes”. A imagem da engrenagem ilustra, em termos próprios dos sujeitos, a noção de sociabilidade (SIMMEL, 1983) como rede de interdependências em que o indivíduo se reconhece a partir do coletivo. Também a hereditariedade carnavalesca é evidenciada por sua fala, ao afirmar que a continuidade da tradição depende do “trabalho árduo que tem na escola e que se não for famílias trabalhando junto, não tem como seguir”, reafirmando o papel da família como unidade de transmissão intergeracional. Por fim, ao destacar que a escola “vai muito além do que as pessoas veem na avenida em março [...] tendo uma função social muito importante”, a interlocutora reforça a compreensão do Carnaval de Uruguaiana como espaço permanente de

produção cultural e pertencimento, e não apenas como evento sazonal.

Contribui-se, assim, para os estudos sobre patrimônio cultural imaterial, culturas populares e antropologia urbana no contexto do sul do Brasil e sentidos emergentes ao longo do processo etnográfico. A partir dos dados iniciais coletados, podemos compreender que a Escola de Samba Unidos da Ilha do Marduque opera como vetor de coesão social e produção cultural contínua, em que a participação ativa em diferentes funções como, dançarinos, músicos, ferreiros, carnavalescos e que este envolvimento intergeracional reforçam a tradição e a hereditariedade carnavalesca. Compreendido como espaço plural, vivo e de elevada relevância cultural, o carnaval revela dimensões da identidade coletiva que extrapolam o tempo da festa, evidenciando como a escola constitui simultaneamente um arquivo de memória, um laboratório de corporalidades e uma plataforma de afirmação territorial de uma comunidade periférica. Contribui-se, assim, para os estudos sobre patrimônio cultural imaterial, culturas populares e antropologia urbana no contexto do sul do Brasil.

Registros fotográficos:



Figura 1 – Integrantes da escola de samba em desfile de carnaval, 1983 (acervo pessoal).



Figura 2 – Casal de mestre-sala e porta-bandeira da Unidos da Ilha do Marduke no desfile de Carnaval, 2025.

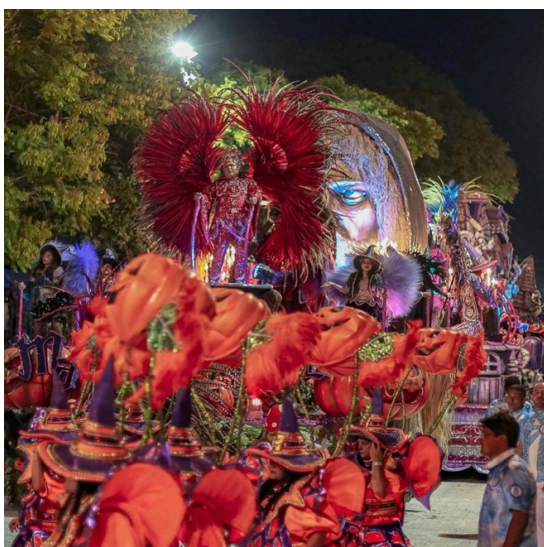


Figura 3 – Carro alegórico em desfile noturno, registro recente do acervo fotográfico da escola.

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- BANKS, Marcus. *Dados visuais para pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1971.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAVALCANTI, Maria Laura V. C. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: UFRJ/Minc/Funarte, 1994.
- CAVALCANTI, Maria Laura V. C. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: UFRJ/Minc/Funarte, 1994.
- CAVALCANTI, Maria Laura V. C. *O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CAVALCANTI, Maria Laura V. C.; GONÇALVES, Renata de Sá (org.). *Carnaval em múltiplos planos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2021.
- COLLIER JR., John; COLLIER, Malcolm. *Visual Anthropology: photography as a research method*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1986.
- CSORDAS, Thomas. *Corpo/significado/cura*. Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DA SILVA, Carla; FANTINEL, Leticia. Sociabilidade e pertencimento no carnaval. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 64, n. 1, 2021.

DAUN E LORENA, Ana. Identidades no carnaval: raça, classe e gênero. *Etnográfica*, Lisboa, v. 23, n. 2, p. 311–334, 2019.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza C. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

FARDELLA, Carla et al. Carnaval como ferramenta pedagógica e política. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 45, 2024.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo S. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu e vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 19–40.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.). *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.